

ANÁLISE DE GAFES

Renata da Silva de Barcellos (CEJLL)
osbarcellos@ig.com.br

DEFINIÇÕES

Quanto à definição da gafe, Goffman, um dos poucos autores a tratar essa questão, a considera como “fontes de embaraços e dissonâncias que não estavam nos planos da pessoa responsável por eles e que seriam evitados se o indivíduo conhecesse de antemão as conseqüências de sua atividade”. (1975, p. 193). Ao defini-la assim, além de não mencionar as conseqüências e nem o motivo pelo qual a situação seria considerada embaraçosa, o autor não delimita claramente este fenômeno discursivo.

Claudia Matarazzo diz que se trata de “uma situação fora de contexto” (1996, p. 13), mas não explica o porquê de considerar uma determinada situação inadequada ao contexto em que ocorreu. Que contexto é esse? O que entende por isso?

Já Maria Claudia Coelho, que cita as noções “ameaça à face” e “linha” de Goffman (1975), define a gafe como “um tipo de ‘ameaça à face’, na qual a responsabilidade da pessoa cuja ‘linha’³ adota provoca a ameaça é nenhuma” (2002, p. 79), porém, não explica o que entende por ameaça.

Outros autores que discorreram sobre o assunto foram: Vincent, Deshaies e Martel, que definem a gafe como “emissão de palavras que não poderiam ser ditas, mas que, infelizmente, o foram”. (2003, p. 156 – tradução nossa). Essa definição é também muito ampla, pois outras falhas como o ato falho e o lapso podem ser explicados assim. Faltou especificar o seguinte: por que não poderiam ser ditas? O que distingue a gafe dos outros fenômenos discursivos?

E, finalmente, numa tentativa nossa de percepção, a partir da análise do *corpus*, da leitura de textos da linha interacionista e dessas

³ A noção de linha é definida como “um padrão de atos verbais e não-verbais através dos quais expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesma”. (Goffman, 1980, p. 76).

LIVRO DOS MINICURSOS

definições, consideramos a gafe como uma ação (constituída pela realização de atos de linguagem⁴ verbais e/ou de não-verbais) involuntária ou voluntária, praticada por um dos interagentes, mas inadequada à situação comunicativa (devido à inobservância às regras determinadas socialmente), cuja conseqüência é a destabilização do curso da interação e a ameaça à face do participante atingido.

ASPECTOS DA GAFFE

Nesta seção, apresentaremos as características da gafe e as noções teóricas relacionadas a elas, provenientes da corrente interacionista.

Ao definir a gafe e verificar seu tipo (verbal, não-verbal e/ou paraverbal), detectamos que ela apresenta seis características: a primeira é a *divergência atitudinal*, em que um dos participantes desenvolve uma atividade inadequada às regras determinadas socialmente. A segunda é a *acidental*, porque em toda ação realizada pode ocorrer algum tipo de "desvio" (Goffman, 1975, p. 192) em relação aos saberes sociais convencionalizados que instituem o controle social no indivíduo. A terceira é a *involuntária*, quando é praticada inconscientemente, sem a intenção do gafista. Quando percebe o que praticou, o seu sentimento é de perplexidade, a ponto de poder se perguntar, por exemplo: como fui capaz de dizer ou fazer isso? A quarta é a *voluntária*; por alguma razão, o indivíduo viola deliberadamente as regras de convívio social. A quinta é a *embaraçosa*, porque há desequilíbrio interacional. Ao ser cometida, a gafe gera constrangimento entre os participantes, isto é, no momento em que ocorre um "incidente, a realidade patrocinada pelos atores é ameaçada. É provável que as pessoas presentes reajam tornando-se aturdidadas, constrangidas, embaraçadas, nervosas, etc." (*ibid.*, p. 194). Por outro lado, por

8 Primeiramente, cabe dizer que adotamos o termo "linguagem" no lugar de "fala" porque, nesta pesquisa, analisaremos os diversos tipos de linguagem (verbal, não-verbal e paraverbal), ou seja, não nos restringiremos à linguagem verbal "fala". A teoria dos atos de linguagem surgiu no interior da Filosofia da Linguagem, no início dos anos 1960, com os membros da Escola Analítica de Oxford – Austin, Searle, Strawson e outros. A partir da nova concepção de linguagem enquanto forma de ação, o pioneiro Austin desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala, publicada em 1962, no livro *How to do things with words*. Mais tarde, Searle desenvolveu e aperfeiçoou o estudo e o funcionamento dos atos de linguagem na obra *Speech acts*, em 1972.

não saber lidar com aquela situação, o gafista pode acabar deixando os outros participantes saírem da troca com a impressão equivocada. A sexta característica é a *comprometedora*, por causa da ameaça à face de, pelo menos, um dos participantes, proveniente da depreciação, da ofensa ou do insulto.⁵ Por isso, no desencadeamento das trocas, os participantes devem trabalhar a sua imagem de modo que a realização de atos de linguagem verbais e/ou não-verbais não comprometa a face de, pelo menos, um dos envolvidos, pois ela é alvo de ameaça constante e objeto de desejo de preservação (Amossy; Koren, 2002, p. 176). E a sétima característica é a gradual, porque o seu grau de percepção, de gravidade e de efeito depende de um ou do conjunto destes fatores: identidade (*status* e papel social), tipo de interação (privada ou institucional) e de relação (simétrica ou assimétrica), contexto e enquadre, que, por sua vez, são determinados pela cultura e estabelecidos através de acordos sociais.

DESENCADEADORES DA GAFE E SEUS EFEITOS

Nesta parte, apresentaremos as causas da ocorrência da gafe e seus efeitos sobre os participantes envolvidos na situação comunicativa. A partir da seleção do *corpus*, percebemos que a fonte desse fenômeno pode estar relacionada também a outros, como: *o mal-entendido, o ato falho, o lapsos*, etc. Com base nisso, classificaremos os elementos desencadeadores, observaremos o efeito provocado nos participantes e examinaremos a fronteira entre a gafe e os demais fenômenos discursivos.

Problemas relativos à identidade

A partir da metáfora de ação teatral (1975), Goffman define identidade como “representação do eu” (“eis quem eu sou e como eu me vejo”) e a interação seria o lugar de confronto entre o “eu” reivindicado e o “eu” atribuído. O autor a designa também sob o nome

⁵ Goffman distingue níveis de responsabilidade pela ameaça à face: *o insulto* “em que o ofensor pode parecer ter agido maliciosamente” e *as ofensas eventuais*, que surgem “como uma consequência não planejada”. (1980, p. 84).

LIVRO DOS MINICURSOS

de *fachada pessoal*, que envolve aspectos como “vestuário, sexo, idade, características raciais, altura, e aparência” (*ibid.* p. 31).

A identidade é considerada como toda a atividade de um indivíduo e é, para os interacionistas, uma construção interativa, uma vez que cada um se constitui, constituindo o outro e com ele. Dentre os autores da Sociolinguística Interacional que trataram deste tema, está Kerbrat-Orecchioni para quem a identidade de um indivíduo pode ser definida como “um conjunto de atributos que o caracterizam; atributos estáveis ou passageiros, que são em número infinito e de natureza extremamente diversa (estado civil, características físicas, psicológicas e socioculturais, gostos e crenças, status e papel social na interação)”. (2000a, p. 119 – tradução nossa).

Quebra de expectativa

Primeiramente, cabe dizer que apresentaremos este segundo elemento desencadeador de gafes dividido por tipo de quebra de expectativa, por causa dos diversos aspectos e de outros fenômenos discursivos que o envolvem.

Como os indivíduos vivem imersos em situações sociais as mais diversas e precisam manter a sua face e a do outro em convívio social, quando estão “na presença uns dos outros, todos os seus comportamentos verbais e não-verbais são fontes potenciais de comunicação” (Tannen; Wallat, 2002, p. 186) e devem estar de acordo com o que é estabelecido socialmente. Caso contrário, a inobservância (por algum motivo, por exemplo: desconhecimento da identidade) levará à quebra de expectativa, o que poderá provocar o surgimento de uma gafe, como ocorre nos episódios a seguir.

Enquadre interativo

Ao observar o *corpus*, constatamos também que quanto maior for a visibilidade social, mais o indivíduo deve verificar se a sua conduta está adequada ao *enquadre*. Esta noção é estabelecida de acordo com a abordagem desenvolvida primeiramente por Bateson (1972), depois por Goffman (1974), segundo o qual com base na definição de Bateson, enquadre interativo consiste em: “qual é o tipo de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

interação?”, “o que está acontecendo aqui?” e “qual é o significado do que está acontecendo aqui?” (1974, p. 10). Posteriormente, Tannen e Wallat retomam este conceito e propõem a noção de “estrutura de expectativa”, distinguindo dois tipos: *enquadre interativo de esquema de conhecimento* (1987, p. 189).

Num determinado enquadre interativo, um dos participantes torna-se um gafista: o contexto a que um dos participantes se refere de forma depreciativa é o elemento responsável para o surgimento da gafe. Por exemplo:

Numa visita à Paraíba, o presidente Lula foi caminhar e se banhar na praia de Coqueiros. E depois, em seu discurso no anúncio de implantação do Programa de Interiorização da Universidade Federal do Piauí, faz a seguinte declaração:

– Eu estou chateado porque venho ao Piauí desde 80. É a primeira vez que visito Paraíba. Vou levar essa mágoa dos companheiros do meu partido, porque só me levam para Picos, para Oeiras, para Floriano e aqui tem praia, nunca me trouxeram, mas hoje eu me vinguei deles.

(*O Globo*, 23/02/2006)

Na situação interlocutiva acima, a gafe é cometida quando o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, declara “Eu estou chateado... vou levar esta mágoa... me vinguei...” O valor ilocutório desses atos de linguagem verbais foi mais ofensivo por causa de sua identidade (seu *status* social, naquele momento, não era nem de amigo, nem de pai, mas de presidente da República; e seu papel, não lhe permitia depreciar o lugar), da sua imagem (uma pessoa cuja origem é humilde) e do enquadre discurso (discurso político). E a partir desses elementos e do conteúdo deste segmento “Vou levar essa mágoa... mas hoje me vinguei deles”, o presidente Lula contribuiu para o agravamento da gafe por utilizar os termos “mágoa” e “só”, e a estrutura “me vinguei”, por se referir a lugares “Picos, Oeiras e Floriano” de modo depreciativo e por se referir às pessoas do seu partido, no caso o PT, de forma repreensiva. Assim, a imagem que ele constrói no seu discurso é o de preconceituoso (daquele que parece ter esquecido sua procedência, do seu *status* e papel social) e a consequência da realização desses atos de linguagem é o comprometimento da sua face e a dos habitantes dos lugares mencionados e das pessoas ligadas ao partido.

LIVRO DOS MINICURSOS

Esquema de conhecimento

Após abordarmos o enquadre interativo, explanaremos sobre o outro tipo de estrutura de expectativa, proposto por Tannen e Wallat: *o esquema de conhecimento*, que é definido como “as expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo”. (*ibid.*, p. 189). Vejamos o seguinte exemplo: na festa de lançamento da novela “Paraíso Tropical”, no Copacabana Palace, uma repórter portuguesa se dirige à atriz Beth Goulart e lhe pergunta:

– Você é uma mãe galinha?

Com os olhos arregalados, Beth Goulart ouve a explicação da repórter.

– Aquela que coloca os filhos embaixo das asas.

– Ah, tá. Aqui galinha é outra coisa (risos).

(*O Globo*, 05/03/2007)

No enquadre entrevista, verificamos que, inicialmente, a repórter não alcança seu propósito por causa da forma como se expressa. Ao fazer a pergunta “Você é uma mãe galinha?”, a repórter produz o efeito de sentido de insulto. O termo “galinha” utilizado neste contexto, no Brasil, significa mulher que “se dá a contatos voluptuosos, age publicamente sem freio moral, varia facilmente de parceiro ou se prostitui”. (Houaiss, 2001). Assim, nesta situação interlocutiva, constatamos que a atriz tem outro esquema de conhecimento quanto ao que seja “galinha” (por causa da variante regional) e isso é responsável pela desarmonia interacional. Ao perceber o comportamento não-verbal da atriz (“olhos arregalados”), imediatamente, a repórter explicou o significado do termo “galinha”. Isso porque quando um dos participantes “não reage a uma das pistas, ou não conhece sua função, pode haver divergência de interpretação e mal-entendidos” (Gumperz, 2002, p. 153), como ocorreu nesta situação comunicativa.

Concluímos então que um desacordo no esquema de conhecimento (proveniente, por exemplo, dos diversos tipos de variantes e de registros de uma língua) aumenta a probabilidade de ocorrência de algum tipo de falha na comunicação intercultural e intracultural, pois a interação é “regida por regras de natureza diversa e variáveis culturalmente”. (Kerbrat-Orecchioni, 1996, p. 91). Nesse caso, só

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

podemos considerar uma ação praticada como um desvio com base nas normas sociais, nas regras do código linguístico em uso, de conduta e de etiqueta adequadas a cada situação comunicativa. Isto quer dizer que as ações praticadas são reguladas pela cultura e que dado a isso elas variam de uma sociedade para a outra (como no exemplo anterior) ou dentro da própria sociedade (de uma região para outra ou entre grupos, de acordo com nível econômico, cultural, etc. – dos indivíduos).

Mal-entendido

Nesta parte, verificaremos se há relação entre a gafe e o mal-entendido, que é definido como “uma defasagem entre o sentido codificado pelo locutor (sentido intencional, que o emissor deseja transmitir ao destinatário) e o sentido decodificado pelo receptor”. (*ibid.*, 2001, p. 49 – tradução nossa). E caso haja algum vínculo, qual é a fronteira de cada um desses fenômenos discursivos? Qual é a sua relação com a gafe?

As interpretações dos significados sociais são conjuntamente negociadas pelos interlocutores, confirmadas ou modificadas pelas reações desencadeadas. No caso da gafe, verificamos que sua ocorrência se dá por causa dos participantes que, ao não compartilharem convenções interpretativas e, conseqüentemente, não terem sucesso na realização de seus propósitos, geram uma situação embaraçosa. Vejamos o seguinte exemplo em que o mal-entendido é a causa da gafe:

Outro episódio de mal-entendido que se desdobra em uma gafe devido ao desconhecimento do código linguístico. Neste caso, é provocada pela semelhança fonética, a pronúncia da expressão em língua estrangeira é associada a outros termos da língua materna:

Outro dia, no STJ, o ministro Carlos Alberto Direito ouvia um advogado se exceder em gentilezas. Quando o doutor acabou, Direito atacou em francês:

- Assim vossa excelência está me dando o *coup de grace* (que, no caso, seria o golpe de misericórdia).

- Também isso não! – indignou-se o advogado.

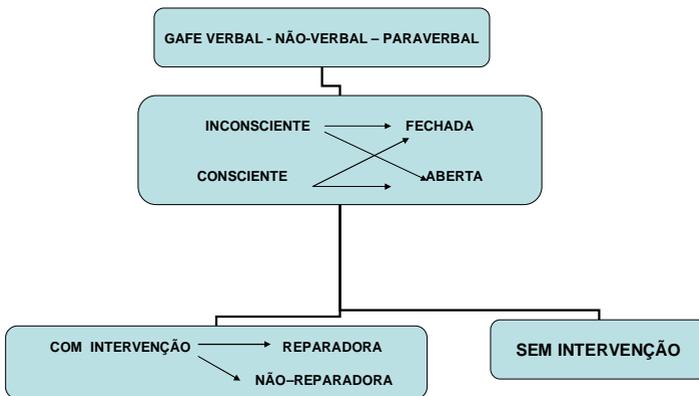
(*O Globo*, 04/03/2008)

LIVRO DOS MINICURSOS

Dessa forma, verificamos o quanto é importante o domínio não só do código lingüístico (no caso da língua materna – ver exemplo das páginas 17 e 40 – e no da língua estrangeira – ver os dois exemplos anteriores –, em que pode ocorrer mal-entendido e este produzir o efeito de sentido de insulto), como também do aspecto cultural (conhecer os hábitos e as regras de conduta, como no exemplo da página 19; e respeitá-las como no exemplo de Richard Gere da página 23) para se evitar “as falhas de comunicação desse tipo, em outras palavras, são consideradas gafes sociais e levam a julgamento errôneo acerca da intenção do falante”. (Gumperz, 2002, p. 153). A respeito disso, o escritor João Paulo Cuenca, numa entrevista ao jornal *O Globo*, cujo assunto era sua viagem ao Japão, declara:

Cabe ressaltar que, no *corpus* selecionado, quanto ao tratamento, não encontramos nenhum exemplo de gafe verbal, não-verbal e/ou paraverbal, consciente, aberta e com intervenção reparadora. E dos tipos de gafe e de tratamento descobertos, podemos representá-las graficamente assim:

TIPOS DE GAFE E SEU TRATAMENTO



ANÁLISE DE GAFES

*Gafes verbais, inconscientes, abertas
e com intervenção não-reparadora*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No lançamento do Plano Nacional de Turismo, programa para estimular o turismo com crédito consignado, no Palácio do Planalto, ao perguntarem sobre o que recomenda a quem viaja e enfrenta atrasos e caos nos aeroportos, a ministra do Turismo, Marta Suplicy, responde: “– Relaxa e goza. Depois a gente esquece os transtornos.” (*O Globo*, 14/06/07)

Gafes verbais, conscientes, abertas e com intervenção não-reparadora

A gafe não se restringe ao campo do inconsciente, pois encontramos cinco episódios de gafe consciente (que serão apresentados no decorrer desta pesquisa). Cabe dizer então que as gafes relacionadas ao consciente ocorrem quando o indivíduo (em um determinado tipo de interação e de relação) tem consciência de que a ação a ser realizada será considerada um desvio por conhecer as normas interacionais vigentes da situação comunicativa na qual está inserido. Por exemplo, o empresário e apresentador Roberto Justus dá uma entrevista para o *Jornal O Globo* sobre o seu novo programa “Aprendiz 4: o sócio”,⁶ em que discorre sobre a aparência dos candidatos:

...não quero ser preconceituoso, mas existe uma coisa chamada adequação... E uma pessoa pesando 200 quilos, que vai entrar suando numa reunião? Também não quero. Se ele não se preocupa com a sua imagem, não vai se preocupar com a sociedade, com o próprio negócio. (*O Globo*, 13/05/2007)

Na situação comunicativa de uma entrevista para um jornal de grande circulação, Roberto Justus, enquanto apresentador, inicia seu enunciado com uma asserção (“não quero parecer preconceituoso”) à qual se atribui o valor de “medida defensiva”,⁷ a fim de prevenir-se de um contra-ataque e de preservar sua face. Apesar do uso desta es-

⁶ O programa “Aprendiz 4: o sócio” era exibido no canal aberto 13, Record, terça-feira e quinta-feira, a partir das 23 horas.

⁷ Segundo Goffman, ao longo de uma interação, há três tipos de medidas a serem tomadas para preservar a face dos participantes. São elas: *as medidas defensivas*, que são “usadas pelos atores para salvar seu próprio espetáculo”; *as medidas protetoras*, que são “usadas pela platéia e pelos estranhos para ajudar os atores a salvarem seu espetáculo”; e as medidas que “os atores devem tornar possível o emprego pela platéia e pelos estranhos, de medidas protetoras em favor dos atores”. (*ibid.*, p. 195).

LIVRO DOS MINICURSOS

tratégia, cometeu uma gafe ao declarar que não contrataria uma pessoa obesa e suada, o que constitui uma afirmação preconceituosa "... uma pessoa pesando 200 quilos, ...suando numa reunião?".

Alguns leitores, na semana seguinte, escreveram para a seção de cartas, questionando a sua declaração. Uma leitora disse "... sendo a obesidade uma doença, a assertiva, além de preconceituosa, é pouco inteligente". E outra leitora declarou "... para ele gordura é sinônimo de desleixo. Fiquei perplexa por uma pessoa pública dar tal declaração!" (*O Globo*, 20/05/2007). Pela reação das leitoras, podemos constatar que a manobra adotada pelo apresentador foi um fracasso, pois suscitou uma reação negativa, principalmente, dos indivíduos obesos, que se sentiram discriminados. Isso ocorreu devido à divergência atitudinal da opinião expressa de Roberto Justus em relação aos padrões estabelecidos socialmente, pois "uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas". (Goffman, *op. cit.*, p. 138).

Gafes verbais e sem intervenção

Ao falar sobre as obras do PAC, o presidente Lula diz: "Se porrada educasse, bandido saía da cadeia santo". (*O Globo*, 27/02/2008).

Gafes não verbais e com intervenção não-reparadora

Ao saber da notícia de que a tragédia do AIRBUS da TAM,⁸ em Congonhas, ocorreu por falha mecânica, o petista Marco Aurélio, assessor especial do presidente da República faz gestos obscenos, no seu gabinete, acompanhado por seu assessor Bruno Garcia.

O flagrante foi feito pela Rede Globo e veiculado pelo “Jornal Nacional”, no dia 19/07/2007. O gesto provocou indignação em toda a sociedade, principalmente, em parentes de vítimas do AIRBUS da TAM. Um dia depois do flagrante, Marcos Aurélio muda de *footing*, assume o deslize cometido ao pedir desculpa pelo seu comportamento não-verbal através da realização de uma formulação indireta de descrição de estado de espírito (a comemoração, a felicidade expressa com o fato de a informação, supostamente, aliviar a culpa do governo na queda do AIRBUS A-320 da TAM):

“– É um sentimento de indignação.” (*O Globo*, 21/07/2007)

Quanto à estratégia de uso de recurso não-lingüístico, não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* selecionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre a gafe à luz dessa teoria, ratificamos a hipótese de que ela, uma ação voluntária ou involuntária e inadequada à situação comunicativa (devido à inobservância de regras lingüísticas ou interativas determinadas socialmente), desestabiliza o curso da interação e compromete a face de, pelo menos, um dos envolvidos na situação interlocutiva, podendo até levá-lo a perdê-la. O grau de comprometimento da face (ameaça ou destruição) está intrinsecamente relacionado ao da gafe, ou seja, se este fenômeno for devastador e, conseqüentemente, irreparável, a face da/o gafista e/ou a do seu alvo será destruída, como no exemplo do enunciado proferido por Marta Suplicy: “relaxa e goza”.

⁸ Um avião da TAM, com 187 tripulantes, a bordo derrapou na pista do aeroporto de Congonhas, na Zona Sul de São Paulo, atravessou a avenida Washington Luís e bateu em um prédio de carga e descarga da companhia aérea. A aeronave, um AIRBUS A 320-233, voo JJ 3054, partiu de Porto Alegre, às 17h16min de terça-feira, 17/07/2007, e chegou a São Paulo às 18h45min. O acidente é considerado o maior da aviação brasileira.

LIVRO DOS MINICURSOS

Ao analisar o *corpus*, averiguamos que um comportamento verbal, não-verbal e/ou paraverbal é considerado adequado ou não a uma situação comunicativa, a partir de convenções de normas sociais e/ou conversacionais, que, por sua vez, são determinados pela cultura de cada sociedade. Isto significa que a gafe é culturalmente parame-trizada. A sua configuração e o seu grau de gravidade dependem des-tes fatores: identidade (*status*, papel e visibilidade social) dos parti-cipantes envolvidos, tipo de interação (privada ou institucional, pe-dagógica ou não pedagógica) e de relação (simétrica ou assimétrica) estabelecida pelos participantes, contexto e enquadre em que estão inseridos.

A partir da análise do *corpus*, ratificamos também a hipótese de que embora este fenômeno interacional ocorra em qualquer tipo de interação ou de relação, contexto e enquadre, há maior probabili-dade de surgir em uma situação comunicativa em que os participan-tes são provenientes de cultura diferente.

Nesse sentido, ao interagir, devemos considerar o aspecto cul-tural, contextual e identitário, a fim de diminuir a probabilidade de seu surgimento e/ou agravamento e, por consequência, situações em-barraçosas, haja vista que existem casos em que um desvio como a gafe e/ou outros fenômenos discursivos ocorrem involuntariamente.

Dessa forma, a interação só volta a ser harmoniosa e a face dos envolvidos reconstruída dependendo do grau de divergência ati-tudinal em relação às regras socialmente determinadas e aos seguin-tes fatores: identidade, tipo de interação e de relação, contexto e en-quadre. Quanto mais a ação verbal, não-verbal e/ou paraverbal prati-cada desobedecer aos acordos sociais, mais difícil será reparar a gafe cometida (ou até mesmo impossível).

Constatamos assim que todos nós estamos sujeitos a cometer gafes, por mais que tenhamos cuidado ao interagir através da realiza-ção de atos de linguagem verbais e/ou não-verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R; KOREN, Roselyne. *Après Prelman*. Paris: Harmantant, 2002.

BATESON, G. A theory of play and fantasy. **In:** *Steps to na ecology of mind*. New York: Ballantine Books, 1972.

COELHO, Maria Cláudia. Um presente que é a sua cara: trocas materiais e construção de identidade. **In:** *Palavra* 8. Rio de Janeiro: Trarepa, 2002.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

———. A elaboração da face. **In:** FIGUEIRA, S. A. (org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. **In:** RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONNI. *L'analyse des interactions verbales*. Paris: Laxies, 2000a.

———. *Les actes de langage dans le discours*. Paris: Nathan, 2001.

LAFORST, Marty (org). *Le malentendu: dire, mésentendre, mésinterpréter*. Quebec: Nota Bene, 2003.

MATARAZZO, Cláudia. *Gafe não é pecado*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

VICENT, D.; DESHAIES, D.; MARTEL, G. Gérer la gaffe et le malentendu: des noeuds discursifs dans le discours monologique. **In:** LAFORST, Marty (org.). *Le malentendu: dire, mésentendre, mésinterpréter*. Quebec: Éditions Nota Bene, 2003.